



Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Clássicos
Brasil

de Oliveira Sousa, Francisco Edi
Castor e Pólux, modelos para Niso e Euríalo na Eneida?
Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 22, núm. 1, -, 2009, pp. 92-108
Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770889007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Castor e Pólux, modelos para Niso e Euríalo na *Eneida*?

FRANCISCO EDI DE OLIVEIRA SOUSA
Universidade Federal do Ceará
Brasil

RESUMO. O episódio de Niso e Euríalo expõe uma peculiar *amicitia* entre dois guerreiros, cuja morte provoca forte efeito patético. Seu modelo principal seria a *Doloneia*; entre os secundários, mencionam-se: o *Rhesus*, atribuído a Eurípides; a embaixada para Aquiles na *Iliada*; a viagem de Telêmaco na *Odisseia*; relatos da guerra contra Aníbal nos *Anais*, de Ênio; a relação entre Orestes e Pílates na *Ifigênia em Tâuris*, de Eurípides. Tais modelos, todavia, não propiciam um exame satisfatório da afeição e do fim que os une. Assim, este estudo discute um substrato poético capaz de iluminar a fidelidade e o *modus mortis* de Niso e Euríalo: o par Castor-Pólux.

PALAVRAS-CHAVE. *Eneida*; *amicitia*; fidelidade; Niso-Euríalo; Castor-Pólux.

tantum infelicem nimium dilexit amicum
(Verg. *Aen.* 9.430)

O leitor da *Eneida* não deixa ileso as páginas que estampam os nomes Niso e Euríalo: impressiona-o a amizade; a morte o comove. No nono canto (168-502), uma façanha lhes cerceia a vida, e a poesia os consagra. Admite-se como modelo primordial dessa passagem a *Doloneia* (*Il.* 10), contudo daí não derivam a *amicitia* e o fim que os arrebatam. Com que textos tais aspectos dialogam? Esta leitura investiga um possível substrato poético capaz de iluminar a **fidelidade** e o ***modus mortis* de Niso e Euríalo**: o par Castor-Pólux.

Apresentam-se de início o contexto e a trama do episódio. Em seguida, faz-se um comentário dos principais modelos reconhecidos. Discute-se, enfim, a hipótese de a fidelidade e o *modus mortis* de Niso e Euríalo refletirem matizes de Castor e Pólux; para tanto, revisam-se poemas relativos a esse par grego, pertinentes a esta leitura e compostos até a época de Virgílio.

O nono canto, marcado pela ausência de Eneias, denota uma estrutura tripartida, fundada em dois dias e uma noite: no primeiro dia, Turno ataca o acampamento troiano e tenta atear fogo aos barcos, que se salvam transformando-se em ninfas (1-167); vem a noite com a aventura de Niso e Euríalo, cujo desfecho trágico deslinda-se ao amanhecer (168-502); nesse segundo dia, a trombeta convoca nova batalha, e Turno consegue penetrar no abrigo troiano, de onde escapa jogando-se no rio Tibre (503-818).

No centro desse canto, o episódio de Niso e Euríalo pode ser dividido em quatro partes: três cobrem a façanha e a morte; a quarta, fatos posteriores à morte.

A primeira parte (168-313) comporta os seguintes eventos: os dois guardam uma porta do acampamento (176-83); inquieto, Niso cogita atravessar o campo inimigo, alcançar a cidade de Palanteu e avisar Eneias do perigo que ameaça os troianos, e Euríalo decide acompanhá-lo (184-223); dirigem-se ao conselho dos chefes, o qual delibera sobre a necessidade de se enviar um mensageiro a Eneias (224-8); Niso expõe seu plano (229-45); Aletes louva a iniciativa, e Ascânio enuncia recompensas pelo sucesso da missão (246-80); preocupado com sua mãe, Euríalo pede a Ascânio que a ampare caso pereça (280-302); em seguida, os chefes armam-nos, Ascânio lhes diz as mensagens para Eneias (303-13) – as quais são dissipadas pelas auras e qualificadas como *inrita* (313), prenúncio do fracasso.

Na segunda parte (314-66), ocorre a façanha. No final de seu morticínio, perto do amanhecer, Euríalo apodera-se de componentes de armadura (fâleras, um boldrié e um elmo); e os dois enfim dão continuidade à missão.

Na terceira parte (367-449), dá-se o desfecho trágico. No caminho de Palanteu, o elmo há pouco posto por Euríalo brilha à luz da lua, e assim são vistos por cavaleiros que regressam da cidade de Latino para o cerco; tentam se ocultar na vegetação; Euríalo se perde e é capturado; Niso, já longe e livre, percebe sua ausência, volta e o encontra cercado por inimigos; arremessa lanças e vitima dois homens; em consequência, Volcente eleva sua espada contra Euríalo, o que força Niso a se revelar e a suplicar pela vida do amigo; não adianta, Volcente o abate; em desespero, brandindo a espada, Niso se lança aos golpes adversários, mata Volcente e cai sobre o corpo de Euríalo. Conclui-se essa peripécia com uma apóstrofe que lhes promete fama através da poesia (446-9).

A quarta parte (450-502) traz o amanhecer, quando as cabeças dos jovens são exibidas, o que desencadeia o pranto da mãe de Euríalo.

Dessas partes, em função do objetivo deste trabalho, apenas as três primeiras são examinadas. As pesquisas dedicadas a essa passagem abordam em geral quatro aspectos: os modelos; a relação entre eles; questões

sociais, cívicas, filosóficas, religiosas suscitadas pela missão, pelos discursos das personagens; a funcionalidade desses acontecimentos no enredo da *Eneida*. Ao investigar a possibilidade de Castor e Pólux subjazerem a Niso e Euríalo, esta leitura vincula-se em especial ao primeiro desses aspectos e eventualmente discute os demais. Apresentados o contexto e a trama do episódio, segue um comentário dos modelos reconhecidos.

A primeira seção da *Eneida* 9 (1-167: o ataque de Turno ao acampamento troiano e a tentativa de atear fogo aos barcos) corresponderia à *Iliada* 8, canto em que Heitor decide invadir o acampamento grego e atear fogo aos barcos. O ataque de Heitor é interrompido pela noite (485-6); ele então recomenda a preparação de fogueiras, comidas e vinho para aguardar o amanhecer; e o canto encerra-se com tais preparativos (487-565). Na *Eneida*, o ataque de Turno também é interrompido pela noite (156-8); ele então recomenda a preparação de fogueiras e vinhos para esperar um novo dia de combate; e a primeira seção encerra-se com tais preparativos (123-67). Durante essa noite, acontece na *Iliada* a embaixada para Aquiles (9) e a *Doloneia* (10); na *Eneida*, o episódio de Niso e Euríalo. Desses cantos homéricos, examine-se o décimo: no início, Agamêmnon não consegue dormir e espreita as fogueiras e os festejos dos oponentes (1-16); inquieto, procura Nestor (17-24); também sem sono, Menelau vai até o irmão (25-34); os dois decidem convocar o conselho dos chefes para descobrir um meio de salvar os barcos e o exército (35-71); reúnem-se os chefes (72-202); Nestor propõe a expedição de espionagem ao campo rival (203-17); Diomedes se apresenta e escolhe Odisseu como parceiro (218-53); armam-se e lançam-se à expedição sob a proteção de Atena (254-98). No outro lado, Heitor reúne os chefes e propõe uma expedição de espionagem ao campo grego (299-312); Dolão se apresenta e requer como recompensa os cavalos e o carro de Aquiles (313-27); Heitor aquiesce, Dolão se arma e parte (328-39); na execução das missões, Dolão é capturado, cede informações e é morto por Diomedes (339-457); Odisseu oferece as armas de Dolão a Atena e pede à deusa que os conduza às tendas onde dormem os trácios chefiados por Reso (458-68); alcançam o local, Diomedes trucidou Reso e doze homens enquanto Odisseu rouba os cavalos, depois retornam (469-514); Apolo desperta Hipocoonte, primo de Reso, e os trácios tomam conhecimento do ocorrido (515-25); os espiões gregos chegam ao seu campo, Odisseu relata os feitos, banham-se e libam em honra de Palas Atena (526-79).

Cotejando esse canto com o passo de Niso e Euríalo, observa-se que a situação inicial de Niso evoca a de Agamêmnon: ele se mostra inquieto ao espreitar as fogueiras e os festejos inimigos, concebe seu plano e o expõe ao companheiro (176-96). Como Agamêmnon e Menelau, os jovens discutem

a questão e em seguida se encaminham ao conselho dos chefes (197-233). A explanação de Niso diante do conselho (234-345) lembra a proposta de Nestor. Parte da recompensa prometida por Ascânio a Niso (o cavalo e as armas de Turno) evoca a recompensa exigida por Dolão. E o ato de vestir as armas e a expedição (303-449) retomam o vestir as armas e a expedição de Diomedes e Odisseu – mas com um resultado bem distinto. A partir desse cotejo, constata-se que o par Niso-Euríalo tem como modelos Agamêmnon-Menelau a princípio, depois Diomedes-Odisseu e a desdita de Dolão¹.

Eventos da *Doloneia* são explorados no *Rhesus*, de Eurípides. Tal peça é considerada por Barbara Pavlock² um segundo modelo maior do episódio de Virgílio e propiciaria, ao lado da *Iliada*, um debate sobre *gloria* e *pietas*. Quanto à *gloria*, Pavlock postula ser um objetivo do poeta latino discutir tal noção como um *conceito social* e analisa seu papel nos dois modelos (p. 208-10): na *Iliada*, Diomedes e Odisseu, atendendo a uma solicitação do conselho, subordinariam o desejo de honra e glória à causa comum dos gregos, esperando obtê-las como recompensa social, enquanto Dolão seria motivado pelo desejo de glória pessoal, o que violentaria os padrões de uma sociedade heroica; no *Rhesus*, haveria uma valorização (um tanto cética) da busca de Dolão por glória material. A *Eneida*, dialogando com esses modelos, trataria tal noção como um conceito eminentemente social: Pavlock (p. 212) assume que, por um prisma romano, *gloria* relaciona-se com dever cívico. No episódio, Niso refletiria um desejo de glória pessoal (*nam mihi facti / fama sat est*, 194-5), enquanto Euríalo seria de início motivado por amor a Niso, posteriormente também pelo desejo de glória pessoal e recompensas materiais (como indicariam os versos 197-8: *magno laudum percussus amore / Euryalus*). Pavlock (p. 216) distingue no verso 354 um reflexo de que a aspiração de glória pessoal provocaria a atitude errada na missão: *sensit enim nimia caede atque cupidine ferri*. Nenhum deles, pois, repercutiria tal noção como valor social; destarte, a glória via poesia (fiada nos versos 446-9) seria a única possível (p. 224).

Para discutir a *pietas*, Pavlock (p. 218-9) recorre à expressão que apresenta Niso no quinto canto: *Nisus amore pio pueri* (296) – o sentido de *pio* nesse contexto desconcerta muitos estudiosos. Aliando a ideia de

¹ S. Casali, em um abrangente ensaio (S. CASALI, *Nisus and Euryalus: exploiting the contradictions in Virgil's "Doloneia"*, HSCPh 102, 319-54, 2004), destaca o fato de a “Doloneia de Virgílio” moldar-se tanto na missão bem-sucedida de Diomedes e Odisseu quanto na fracassada de Dolão; da combinação desses modelos contrastantes adviriam as “contradições” intrínsecas ao episódio.

² B. PAVLOCK, *Epic and Tragedy in Vergil's Nisus and Euryalus Episode*, TAPhA 115, 207-24, 1985.

pietas decorrente desse adjetivo ao devotamento de Niso a Eurialo tanto na corrida a pé (5.285-361) quanto na missão, Pavlock (p. 222) estima que Niso eleve seu sentimento pelo amigo ao nível de uma *pietas* devida a um membro da família. Assim, ao abandonar a missão de informar Eneias do perigo que ameaça os troianos, Niso negligenciaria seu dever respeitante à *pietas* cívica e acima dessa colocaria a *pietas* “familiar” consagrada a Eurialo – o que significaria uma inversão hierárquica.

Essas reflexões de Pavlock são relevantes: a relativa à *gloria* ilustra um dos temas mais discutidos nessa passagem; a relativa à *pietas*, menos debatida, abre uma perspectiva que há de ser aproveitada nesta análise.

Além da *Doloneia* homérica e de sua recriação no *Rhesus*, outros modelos assomam, como estes elencados por Philip Hardie³: a *Odisseia* 1-4; os *Anais*, de Ênio; a *Ifigênia em Táuris*, de Eurípides; e uma reelaboração dessa peça, feita por Pacúvio. Dentre esses, interessam a esta leitura as peças de Eurípides e Pacúvio.

Como a relação de Niso e Eurialo não corresponde à de Diomedes e Odisseu, busca-se um modelo mais pertinente. Nessa empresa, Hardie (p. 32) julga que a relação de Orestes e Pílates na *Ifigênia em Táuris* influa na desses troianos e assim compara um passo da peça com o da *Eneida*: no texto de Eurípides, Pílates diz que seria vergonhoso não di-

³ P. HARDIE, *Virgil Aeneid Book IX*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994, p. 29-34. Para esse autor (p. 29-30), a expedição também retomaria a *Illiada* 9 (como a embaixada vai a um herói retirado dos combates, os jovens troianos procuram um herói ausente) e a viagem de Telêmaco à procura do pai, à noite, com os pretendentes embriagados (o encontro com Volcente evocaria a emboscada dos pretendentes no retorno de Telêmaco). Algumas objeções podem ser feitas: no primeiro caso, Eneias não se retira da guerra, ao contrário, executa nesse momento uma missão necessária ao sucesso troiano, a busca de aliados; no segundo, os paralelos são tênues e derivam de uma aplicação (talvez exagerada neste caso) da teoria segundo a qual a *Odisseia* seria o modelo principal da *Eneida* – teoria defendida por G.N. KNAUER (*Virgil's Aeneid and Homer*, GRBS 5, 61-84, 1964), seguida por E.Ch. KOPEF (*Virgil and the Cyclic Epics*, ANRW II.31.2, 919-47, 1981), F. CAIRNS (*The Aeneid as Odyssey*’ in —, *Virgil's Augustan Epic*, Cambridge, Cambridge University Press, 177-214, 1989). Hardie (p. 30) ainda comenta a possibilidade de Virgílio ter recorrido a um caso da guerra contra Aníbal abordada nos *Anais*. Tal hipótese origina-se no fato de a expressão *somno uinoque soluti* (9.189) aludir a um verso de Ênio: *Nunc hostes uino domiti somnoque sepulti* (fr. 157 in M.S. MORENO, *Ennio: fragmentos*, Madrid, CSIC, 1999). Soma-se essa alusão a um relato de Tito Lívio (22.50.1-12): após a batalha de Canas, S. Tuditano convenceu soldados salvos em um campo menor a atravessar as desordenadas forças cartaginesas, entediadas pela calma noturna e cansadas por conta de banquetes, e a se reunir a soldados romanos que estavam em um campo maior. Dando crédito à presença nos *Anais* do episódio de Niso e Eurialo, Hardie (p. 30) imagina que os versos 446-49 poderiam ter um modelo na epopeia de Ênio. Infelizmente, nem o fragmento dos *Anais* nem o relato de Tito Lívio desvelam elos mais relevantes a esta leitura.

vidir a morte com Orestes, e este tenta dissuadi-lo alegando que aquele deveria permanecer a fim de erigir-lhe um túmulo caso morresse e que não poderia abandonar Electra (674-722); no de Virgílio, Euríalo insiste em dividir a façanha com Niso, e este pede que aquele não se arrisque, fique e sepulte seu corpo caso pereça, assegurando que não deseja causar dor à mãe do amigo (197-221). Esse par grego de fato figura como modelo provável para o diálogo destacado por Hardie e assim para contornos da *amicitia* de Niso e Euríalo. Todavia, diferentemente de Euríalo, Pílates se deixa convencer e aceita retornar sozinho – embora funcional no enredo, tal atitude (revestida de um temor da opinião negativa do povo a seu respeito por ter abandonado o outro) afigura-se estranha para quem Orestes estima o melhor dos amigos, um companheiro de infortúnios (708-10). Após a de Eurípides, Hardie (p. 32) menciona uma tragédia de Pacúvio (provavelmente *Dulorestes*) em que Orestes e Pílates dizem a uma só voz: *ambo ergo una necarier / precamur*⁴ (fr. 166 Warmington⁵). Desse modo, o texto de Pacúvio daria nova dimensão à *amicitia* desses dois e reforçaria em solo romano o impacto de sua relação.

Essa proposta de Hardie traz à baila outro par entrevisto nessa passagem da *Eneida*: Aquiles-Pátroclo. Estudando a questão, John F. Makowski⁶ defende a hipótese de Virgílio ter seguido um ideal de amor descrito por Platão no *Banquete* para moldar a relação de seus ousados rapazes, caracterizando Niso como ἐραστής e Euríalo como ἐρώμενος⁷. Em sua argumentação (p. 6), quase todos os atos e palavras de Niso seriam motivados por amor a Euríalo – seu nome, inclusive, participio passado de *nitor*, refletiria sua devoção amorosa. A ação de Euríalo, por sua vez (p. 12), seria motivada por emulação e desejo de impressionar o amante. Sob esse prisma, o final dos dois deveria ser reputado feliz: assim como Aquiles e Pátroclo são julgados felizes no *Banquete* porque partilham um ἔπος que lhes proporciona ἀρετή e εὐδαιμονία, Niso e Euríalo, motivados por seu amor, realizam uma proeza e alcançam uma espécie de εὐδαιμονία: a promessa de imortalidade através de versos. Com essa visão, Makowski (p. 15) justifica a frase: *Fortunati ambo!* (446).

⁴ Cícero informa que essa cena sempre arrancava aplausos da plateia (*Amic.* 24) e a cita novamente no *Fin.* 2.79 e 5.63.

⁵ E.H. WARMINGTON, *Remains of Old Latin* 2, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press, 1936, *Loeb*.

⁶ J.F. MAKOWSKI, *Nisus and Euryalus: a platonic relationship*, CJ, 85, 1-15, 1989.

⁷ Trata-se essencialmente do discurso de Fedro (178b-180b); aliás, nesse trecho se faz referência a uma expedição de amantes e amados e se apregoa ser belo dar a vida por quem se ama. Hardie (p. 32-3) também perfolha essa ideia de Makowski.

Embora Makowski talvez se exceda ao condicionar quase todos os atos e palavras desses jovens ao sentimento que os une, seu estudo evidencia a presença de Aquiles e Pátroclo nessa urdidura. Outra interpretação, porém, pode ser feita desse diálogo com o *Banquete*: emitindo seu discurso sobre o Amor, a *Eneida*, de um lado, como constata Makowski, reitera todo o empenho de um guerreiro-amante por seu companheiro, o que em tese robustece uma expedição com tais homens; de outro, expõe o risco maior de um guerreiro-amante colocar o pessoal acima do coletivo.

A relação entre esses troianos decerto reproduz aspectos da desses pares gregos, mas persistem lacunas, em especial quanto ao *modus mortis*. Verifica-se agora a hipótese de o par Castor-Pólux também constituir um modelo para a fidelidade e sobretudo para o *modus mortis* de Niso e Euríalo. Tal processo principia com uma revisão (em ordem cronológica e até a época de Virgílio) de textos que abordam Castor e Pólux de maneira propícia a esta análise.

Esse par é citado já na *Iliada*: Helena reúne-se a Príamo e a outros chefes que se encontram em uma torre de Troia observando os combates e lhes identifica guerreiros gregos; nesse momento, lamenta a ausência dos irmãos, os quais, sem que ela saiba, estão enterrados na Lacedemônia (3.236-44). Helena caracteriza Castor como domador de cavalos (ἵππόδαμον, 237) e Pólux como ἀγᾶτὸν (237) e pugilista (238).

No que tange à *Odisseia*, a partilha da imortalidade é referida quando a alma de Leda se aproxima de Odisseu (11.298-304): Castor e Pólux são designados como corajosos filhos de Tíndaro, aos quais Zeus outorgou o direito de passarem um dia com os mortos, outro com os vivos – o verso 300 é idêntico ao 237 da *Iliada* 3, e o 301 é uma variante do 243 da *Iliada* 3, com a adição significativa do adjetivo “vivos” (ζωούς). De certa forma, a *Odisseia* retoma o relato da *Iliada* e acrescenta uma filiação e a partilha da imortalidade concedida por Zeus.

Essa distinção entre as epopeias gera um questionamento, condicionado ao fato de esse trecho da *Odisseia* ser original: a partilha da imortalidade integraria a lenda dos irmãos na época da composição da *Iliada* ou se desenvolveu entre essa época e a da composição da *Odisseia*? Em nota ao verso 238 da *Iliada* 3 (que conta Castor e Pólux serem filhos da mesma mãe, sem referência ao pai), e apoiando-se nos versos 243 e 244 (que os declaram enterrados na Lacedemônia), Paul Mazon⁸ afirma que esse poema ignora a partilha da imortalidade. Não é possível assegurar a veracidade dessa afirmação; todavia, o fato de a *Iliada* não explorar a “morte” e essa

⁸ P. MAZON in HOMÈRE, *Iliade* 1, Paris, Belles Lettres, 1949, p. 78, n. 1.

partilha abre uma lacuna que há de ser preenchida por um épico posterior, os *Cantos Cíprios*.

Dois outros textos atados ao nome de Homero tratam de Castor e Pólux: os hinos aos Dióscuros (17 e 33). O primeiro informa a concepção (fecundada por Zeus, Leda deu-os à luz no Taígeto) e os denomina “montadores de rápidos cavalos”. O segundo repete a concepção e essa denominação e traz outros dados: Castor recebe o epíteto de “domador de cavalos”, Pólux o de “irrepreensível”; o principal atributo deles é socorrer homens em perigo na terra e notadamente no mar, por isso os marinheiros costumam invocá-los e oferecer-lhes cordeiros brancos.

Nenhum desses textos homéricos descreve a relação ou a “morte” de Castor e Pólux; apesar disso, seu exame é relevante, porquanto não apenas possibilita uma visão abrangente e progressiva do trato literário a eles concedido, mas também revela aspectos úteis a esta leitura, sobretudo porque um desses textos, a *Iliada*, como dito há pouco, parece valioso para a elaboração de episódios vivenciados por esse par num épico do ciclo troiano, os *Cantos Cíprios* (Κύπρια).

Atribuído ao cipriota Estásino⁹, os *Cantos Cíprios* têm sua datação situada por grande parte dos estudiosos na primeira metade do século VII a.C.¹⁰. Supostamente dividido em onze livros, seu enredo comportava fatos da guerra de Troia anteriores aos da *Iliada*. Eis um sumário em que se destacam os episódios envolvendo Castor e Pólux.

No início, Zeus decide com Têmis um plano para causar a guerra de Troia, cujos instrumentos serão Helena e Aquiles. Pondo o plano em prática, persegue Nêmesis e gera Helena, que é adotada por Leda; em seguida, obriga Têtis a casar-se com Peleu e pede a Hermes que barre a entrada de Éris no casamento, para que ela plante a discórdia entre os convivas; na cerimônia, brota a disputa entre Atena, Hera e Afrodite quanto à beleza; Hermes as conduz ao monte Ida, onde Alexandre faz o julgamento. Ante o juiz, propõem recompensas: Hera, reinados; Atena, vitórias em guerras; Afrodite, o amor de Helena. Afrodite vence e instrui os troianos a cons-

⁹ Na Antiguidade, pensou-se que os *Cantos Cíprios* também seriam de Homero (cf. HEROD. 2.116-17).

¹⁰ Nessa linha, F. JUAN (*Euripide et les Légendes des Chants Cypriens: des origines de la guerre de Troie à l'Iliade*, Paris, Belles Lettres, 1966, p. 24-7 e n. 3 da p. 27) a posiciona entre 680 e 660 a.C. Já M.L. WEST (*Greek Epic Fragments*, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2003, [Loeb], p. 13), reconhecendo nos fragmentos do poema traços de uma língua mais recente do que a dos homéricos, considera difícil sua composição anteceder à segunda metade do século VI a.C..

truir uma frota. Zarpam, **aportam na Lacedemônia, onde são recebidos por Castor e Pólux**; depois, em Esparta, onde são acolhidos por Menelau, que precisa ir a Creta em meio à visita. Afrodite une Helena e Alexandre, que fogem com parte do tesouro do palácio e se casam em Ílion. **Por essa altura, Castor e Pólux são apanhados roubando gado de Idas e Linceu**¹¹. Este sobe no monte Taígeto para ver ao longe; avista Castor escondido na cavidade de um carvalho e avisa Idas, que mata Castor. Vingando o irmão, Pólux mata Idas e Linceu, e Zeus concede a Castor e Pólux a imortalidade em dias alternados. Íris revela o fato a Menelau, que planeja com Agamêmnon uma expedição contra Ílion. Menelau visita Nestor, e ambos correm a Hélade em busca de aliados. Para fugir à expedição, Odisseu finge insanidade; Palamedes, porém, o desmascara. Os gregos partem de Áulis e chegam à Mísia, que saqueiam supondo ser Ílion; Télefo arma seus mísios e os ataca, mas é ferido pela lança de Aquiles. Vencidos os mísios, os gregos voltam ao mar; e uma tempestade os dispersa; Aquiles acaba em Ciro e se casa com Deidâmia. Quanto a Télefo, seu ferimento não sara; Apolo lhe diz que só Aquiles pode curá-lo; assim, vai a Argos e pede a cura ao herói, prometendo ensinar o caminho de Ílion; Aquiles o cura com a crosta de sua lança, e Télefo cumpre a promessa. Preparando-se a frota em Áulis, Agamêmnon mata um cervo e zomba de Ártemis. Zangada, a deusa impede a frota de zarpar. Calcante explica o mau tempo e a necessidade de sacrificar Ifigênia. No momento da imolação, Ártemis substitui a virgem por um cervo, leva-a para Táuris e a imortaliza. Zarpam, alcançam Tênedos; Tenes reage e é morto por Aquiles. Controlada a situação, os gregos fazem um banquete, durante o qual Filoctetes é picado por uma serpente; sendo o ferimento incurável e pestilento, é abandonado em Lemnos. Chegam a Ílion. Protesilau desembarca e é morto por Heitor. Aquiles desembarca e liquida Cicno. Os troianos recuam; os gregos sitiavam-nos e enviam uma embaixada solicitando Helena e o tesouro. Os troianos recusam. Os gregos saqueiam cidades próximas. Aquiles deseja ver Helena e é atendido por Afrodite e Tétis; mais tarde, rouba o gado de Eneias, pilha cidades vizinhas, incluindo Pédaso, de onde traz Briseide, e ainda mata Troilo. Na partilha do butim, Aquiles recebe Briseide; Agamêmnon, Criseida. Uma fome então castiga os gregos; Palamedes aconselha Agamêmnon a buscar as filhas de Ânio para alimentá-los. Assim é feito. Nesse período, em uma pescaria, Palamedes é afogado por Odisseu, auxiliado por Diomedes.

¹¹ Idas e Linceu são filhos de Afareu, irmão de Tíndaro; portanto, são primos de Castor e Pólux.

Nessa epopeia, enfim emerge um relato da “morte” de Castor e Pólux, com a concessão da imortalidade por Zeus. Além disso, se a ordem dos acontecimentos estiver correta, chama atenção o fato de os eventos envolvendo os irmãos entremearem-se com a expedição de Alexandre e o “raptó” de Helena. Qual a função desses eventos nesse enredo? É difícil responder; uma hipótese, porém, é possível lançar: uma vez que os poemas do ciclo troiano fundaram-se em grande parte em prefigurações e lacunas existentes nos homéricos, a participação desse par nos *Cantos Cíprios* fundamentar-se-ia na referida passagem da *Iliada* 3 e teria como uma de suas funções (talvez a principal) justificar sua ausência em Troia, lamentada por Helena.

A reconstituição dos *Cantos Cíprios* desvela uma versão para a “morte”, mas ainda não se dispõe de contornos da relação existente entre esses irmãos. O texto com a mais antiga descrição original conhecida dessa “morte” também destaca o laço que os une: o décimo poema das *Nemeias* de Píndaro. Na primeira parte da ode (1-18), canta-se a cidade de Argos, os feitos de seus filhos e a beleza de suas mulheres: Perseu, Épafo, Hipermnestro, Diomedes, Anfiarau, Alcmena, Dânae, o pai de Adrasto, Tálao¹² (filho de Bias), Anfitrião e Hércules. Na segunda (19-36) e na terceira (37-54), faz-se o elogio do atleta destinatário do poema, Theaios. Ao fim da terceira (49-54), irrompem Castor e Pólux, membros de uma família de bons atletas, aqueles que presidem os jogos, patronos de Esparta, protetores dos justos; e os irmãos são por fim qualificados com a expressão *πιστὸν γένος* (54), que os coroa com a virtude da *fidelidade* (*πίστις*). Na quarta parte (55-72), narra-se a vida deles após a “morte” (um dia no Olimpo, outro no Hades) e a luta que lhes sela o destino: Idas e Linceu vingam o roubo de seu gado perpetrado por Castor e Pólux; com sua visão privilegiada, Linceu espreita do alto do Taígeto e descobre Castor escondido no tronco de um carvalho; avisa Idas, que fere Castor com uma lança; Pólux chega e persegue Idas e Linceu, que param perto do túmulo de Afareu, daí retiram uma pedra e atiram-na contra o peito de Pólux, mas não o aniquilam; Pólux então arremessa sua lança e mata Linceu, enquanto Zeus fulmina Idas; os dois corpos jazem na solidão; finda-se essa passagem com a advertência de ser perigoso aos mortais desafiar seres mais poderosos. Na quinta parte (73-90), segue o relato: Pólux corre para Castor e o encontra ainda com vida; chorando, dirige a Zeus seu sofrimento; no final de seu discurso, pede ao deus a morte,

¹² De acordo com PAUSÂNIAS (2.21.2), Linceu e Tálao possuíam sepulcros lado a lado na ágora de Argos.

pois não há glória possível para quem perde um caro amigo, e ressalta o companheirismo de Castor asseverando haver poucos homens fiéis nos momentos difíceis (aqui mais uma vez surge o termo πιστός (78), um realce da virtude caracterizadora desse par); Zeus afirma que Pólux é seu filho; já Castor, Tíndaro o concebeu depois; com isso, Pólux deveria escolher entre seu destino natural, evitando a morte e a velhice no Olimpo, ou partilhar um destino com o irmão, vivendo a metade da vida no Olimpo, a outra sob a terra; sem hesitar, Pólux escolhe partilhar um destino com Castor, que é reanimado.

Essa narrativa de Píndaro é bastante próxima da que integrava os *Cantos Cíprios*. Diante disso, cabe a pergunta: essa epopeia também exaltaria a *fidelidade* dos irmãos? Provavelmente sim. De qualquer forma, esse poema das *Nemeias* não apenas reforça a versão da “morte” de Castor e do ato de Pólux expressa nos *Cantos Cíprios*, mas ainda delinea com traços contundentes a relação entre eles.

No século III a.C., Teócrito retrabalha a querela entre Castor e Pólux e os filhos de Afareu, mas adota uma causa e um desfecho distintos dos explorados pelo autor dos *Cantos Cíprios* e por Píndaro. No poema 22, após o anúncio dos atributos dos Dióscuros (1-26), salvadores de homens, cavalos e navios em situação de grande perigo (conteúdo semelhante ao dos hinos homéricos), narram-se duas aventuras: a primeira protagonizada por Pólux (27-134); a segunda, por Castor (135-211). A primeira acontece durante a expedição dos argonautas: ao chegarem à terra dos bêbices, os heróis descem da nave Argo e preparam um acampamento; Castor e Pólux, explorando a região, chegam à morada de Âmico, um gigante contra quem Pólux é obrigado a lutar, sob os olhares dos bêbices e dos tripulantes da Argo; hábil no pugilato, Pólux vence. A segunda aventura traz à tona o rapto das leucípides: eles raptam as filhas de Leucipo e são perseguidos por Idas e Linceu, aos quais elas estavam prometidas; ao chegarem ao túmulo de Afareu, enfrentam-se; Linceu toma a palavra e critica a ação dos Dióscuros; Castor responde e propõe um duelo com Linceu – ao vencedor a noiva; Castor mata Linceu; ao tentar vingar o irmão com uma pedra retirada do túmulo de Afareu, Idas é fulminado por Zeus. Ao fim das aventuras e de uma consideração a respeito do poder dos tindáridas e de Zeus (212-13), a conclusão (214-23) exalta um caminho de mão dupla: de um lado, as grandes façanhas dos heróis oferecem assunto e renome aos poetas; de outro, os cantos dos poetas oferecem glória aos heróis.

Nesse idílio, a narrativa da querela entre Castor e Pólux e os filhos de Afareu apresenta três diferenças em relação às versões anteriormente comentadas: em primeiro lugar, a querela ocorre em razão do rapto das

leucípides¹³ (não por gado); em segundo lugar, nesse confronto, Castor tem mais relevo (enquanto Pólux sobressai nos *Cantos Cíprios* e no poema de Píndaro); enfim, aqui apenas os filhos de Afareu morrem.

São esses os textos compostos até a época de Virgílio que abordam esses irmãos de forma mais substancial. A esta leitura são mais pertinentes os que salientam a relação entre eles e os eventos da morte de Castor e da partilha da imortalidade.

A discussão de um possível diálogo entre o episódio de Niso e Euríalo e esses textos principia com um argumento histórico: a presença desse par grego no universo romano é atestada ao menos desde princípios do século V a.C.. Relatando a batalha do lago Regilo (c. 496 a.C.), Tito Lívio (2.19-20) informa que Aulo Postúmio, enfrentando dificuldades ante uma coalizão de latinos e homens vinculados aos tarquínios, invocou Castor, prometendo erguer-lhe um templo em caso de vitória. Os romanos venceram, e a promessa foi paga em 15 de julho de 484 a.C., quando um templo foi consagrado a Castor, o domador de cavalos (Liv. 2.42.5). Cícero (*Nat. D.* 2.6) também alude à “participação” de Castor e Pólux nessa batalha e relata uma versão lendária segundo a qual eles teriam guiado a cavalo o exército romano para a vitória¹⁴.

Uma vez que se sabe que esses irmãos faziam parte do universo romano, que não representariam entidades estranhas ao receptor da *Eneida*, examina-se como subjazeriam ao episódio de Niso e Euríalo.

Nessa epopeia, há uma alusão explícita: *si fratrem Pollux alterna morte redemit / itque reditque uiam totiens* (6.121-22)¹⁵. O texto destaca

¹³ Talvez os *Cantos Cíprios* também contivessem o conflito causado pelo rapto das leucípides, mas sem que fosse o fatal: Pausânias (3.16.1), comentando um santuário de Hilaíra e Febe, indica a existência delas nessa epopeia ao informar que seu autor as julgava filhas de Apolo. Na *Biblioteca* (3.11.2), Apolodoro relata os dois conflitos: primeiramente o rapto das noivas; depois o roubo do gado, sendo o segundo a razão da luta mortal entre os primos.

¹⁴ Confira ainda o relato de Dionísio de Halicarnasso (*Ant. Rom.* 6.13). Desde cedo, o culto a Castor em Roma liga-se à cavalaria: em 15 de julho, havia uma corrida de cavalos (*transuetio equitum*) cujo rito principiava com um sacrifício no templo de Castor presidido pelos *tribuni celerum*.

¹⁵ Algumas edições apendem ao fim da fábula 80 de Higino uma consideração a respeito de um “ditado” («*alterna morte redemptus*») e de um rito romano (*cum desultorem mittunt, unus duos equos habet, pileum in capite, de equo in equum transit, quod ille sua et fratris uice fungatur*), supostamente inspirados na atitude de Pólux; esse ditado evocaria a alusão feita aos irmãos na *Eneida*. Nessa fábula, Higino trabalha a querela fatal entre Castor e Pólux e os filhos de Afareu adotando o rapto das leucípides como motivo: Febe (sacerdotisa de Minerva) e Hilaíra (sacerdotisa de Diana), prometidas a Idas e Linceu, são raptadas por Castor e Pólux; Idas e Linceu tentam recuperá-las; em combate, Castor mata Linceu; abalado, Idas esquece o conflito e se dedica ao sepultamento do irmão; Castor surge, proíbe a

justamente a atitude redentora de Pólux ante a morte de Castor. Tal alusão ocorre em um momento especial do poema, um ponto estruturante que prefigura a segunda metade: no sexto canto, consultada por Eneias, a Sibila discerne guerras terríveis (86), outro Símois (88), outro Xanto (88), outro acampamento dórico (88), outro Aquiles (89), outra esposa estrangeira como causa de males (93-4). Tais palavras vaticinam uma reedição da “guerra de Troia” no Lácio. Na resposta de Eneias a esse vaticínio, dá-se a alusão aos irmãos, usada como argumento (ao lado dos nomes de Orfeu, Teseu e Alcides) para que o herói possa realizar uma descida aos infernos com o fito de ver o pai.

Desvela-se um “recomeço da guerra de Troia” com a chegada ao Lácio, a promessa de união com Lavínia e a oposição de Turno. Efetuada nesse contexto, a alusão a Castor e Pólux é muito expressiva. No ciclo troiano, o poema que narra o princípio dessa guerra são os *Cantos Cíprios*; cotejando-se o enredo desse épico com a segunda metade da *Eneida*, notam-se eloquentes pontos de contato: a chegada ao Lácio, o envio de uma embaixada ao rei Latino, o conflito iniciado por causa de uma mulher e a busca de aliados empreendida por Eneias (e a visita a Evandro evoca a de Menelau a Nestor). Portanto, nessa reedição da guerra de Troia, a *Eneida* recupera os primórdios da contenda e recria assuntos dos *Cantos Cíprios*. Quanto à participação de Castor e Pólux nesse “primeiro” poema do ciclo troiano, os dois episódios com eles aconteceriam nas imediações desses assuntos recriados na *Eneida*: circundariam o rapto de Helena e seu casamento com Páris e viriam logo antes da viagem de Menelau (ou mesmo durante essa viagem) em busca de conselhos e aliados. Reunindo-se esses elementos, quando se soma o fato de a alusão explícita aos irmãos transparecer no instante em que se anuncia um recomeço da guerra de Troia ao fato de a aventura de Niso e Eurialo ocorrer em um contexto de recriação de matérias dos *Cantos Cíprios* e, mais precisamente, em um contexto correspondente à suposta posição dos episódios de Castor e Pólux nessa epopeia, obtém-se um resultado que, no mínimo, legitima o exame da subjacência do par grego ao par latino. Tal subjacência, no entanto, não se configura (como a *Doloneia*) um modelo estrutural para o passo da

construção da sepultura e vitupera o falecido; Idas então mata Castor; avisado, Pólux acorre, mata Idas e sepulta Castor; Pólux pede a Júpiter, seu pai, o direito de partilhar seu destino com Castor, filho de Tíndaro; a súplica é atendida; viriam então o ditado e o rito. À parte sua originalidade, essa consideração final insinua que a relação entre os irmãos, caracterizada pelo ato redentor de Pólux, teria deixado marcas expressivas no mundo romano. Na fábula 251, cuja temática é o retorno dos infernos, Higino mais uma vez resgata essa passagem da *Eneida* (*Castor et Pollux Iovis et Ladae filii alterna morte redeunt*).

Eneida: pressupõe-se que a **amicitia** e o **modus mortis de Niso e Euríalo** dialoguem com a **virtude** característica dos irmãos e com a **tessitura da morte de Castor e do ato redentor de Pólux**. Esse diálogo se deixa ouvir com mais nitidez quando se cotejam alguns poemas comentados e o episódio de Niso e Euríalo.

Infelizmente, na reconstituição dos *Cantos Cíprios* (conforme o sumário apresentado), não há detalhes dos sentimentos envolvendo a morte de Castor; tais detalhes, como se viu, eclodem no décimo poema das *Nemeias* de Píndaro. Um cotejo desse texto com o episódio de Niso e Euríalo explicita aproximações reveladoras: a virtude que caracteriza o par da *Eneida* é a mesma que une o par dessa ode (e provavelmente o dos *Cantos Cíprios*), a πίστις (tal virtude corresponderia em princípio à *fides* romana); a afirmação de Pólux de não haver glória possível àquele que perde um ente querido justificaria a decisão de Niso de, já livre dos inimigos, abandonar sua missão e voltar para salvar Euríalo; Pólux provoca a morte de quem atentou contra a vida de Castor e depois pede sua própria “morte”, e Niso mata aquele que tirou a vida de Euríalo e assim encontra sua própria morte. Além dessas incisivas aproximações, constata-se que os dois pares alcançam a **imortalidade** em decorrência de sua virtude maior. Como narra Píndaro, Pólux compartilha o destino de Castor, desprezando sua vida e a glória de ser um deus sozinho; com isso, estende sua imortalidade ao irmão. Niso, por sua vez, por fidelidade a Euríalo, abdica de sua própria vida e da grande glória social que lhe caberia caso cumprisse sua missão; com isso, alcança para os dois uma imortalidade concedida não por Júpiter, mas pela poesia (*Aen.* 9.446-9). Destarte, como vozes do *Rhesus* podem ser ouvidas no diálogo com a *Doloneia*, vozes dos *Cantos Cíprios* ouvem-se nesse diálogo com a ode de Píndaro.

No que tange à apóstrofe¹⁶, como se disse, Hardie imagina que Virgílio possa tê-la imitado dos *Anais*. Um paralelo um pouco mais palpável pode ser feito entre ela e a conclusão do poema de Teócrito (214-23): o poeta invoca os filhos de Leda e lhes pede κλέος (214) para sua poesia; depois afirma que os aedos são amigos dos que participaram da destruição de Ílion e que um aedo de Quios¹⁷ lhes assegurou glória ao celebrar a

¹⁶ N.M. HORSFALL (*A Companion to the Study of Virgil*, Leiden, Brill, 2000 [Brill's Scholars' List], p. 172), com uma leitura um tanto biográfica, considera esses versos um μακαρισμός de Virgílio.

¹⁷ Seria Homero o aedo de Quios? A princípio, as referências à cidade de Príamo, aos barcos aqueus, às batalhas de Ílion e a Aquiles parecem designar a *Iliada*; todavia, nesse poema Castor e Pólux não são celebrados. O poema do ciclo troiano que de fato os celebra são os *Cantos Cíprios*, texto que também aceitaria tais referências; além disso, na Antiguidade,

cidade de Príamo, os barcos aqueus, as batalhas de Ílion e Aquiles; ao fim, oferece-lhes os doces dons das Musas, seu canto, o mais belo presente que se pode ofertar aos deuses. Configura-se o referido caminho de mão dupla: os feitos dos heróis fornecem cantos e renome aos poetas; esses cantos, glória aos heróis. Nesse poema, os Dióscuros sobrevivem, e não ocorre a cessão da imortalidade por Zeus; em contrapartida, essa reflexão final de certa forma substitui a imortalidade divina por uma advinda da poesia. A *Eneida* parece ter recuperado tal aspecto, pois essa reflexão se materializa exatamente na conclusão da proeza de Niso e Eurialo: o feito deles outorga renome ao poema, ao poeta, cujos versos inscrevem os dois na memória do Tempo (*si quid mea carmina possunt, / nulla dies umquam memori uos eximet aevo*, *Eneida* 9.446-7).

Os cotejos empreendidos entre a *Eneida*, os *Cantos Cíprios*, o poema de Píndaro e o de Teócrito já concretizam a subjacência do par Castor-Pólux ao par Niso-Eurialo. E dois índices alusivos reforçam essa subjacência. O primeiro, o termo “Eurialo”, amplia o vínculo entre os pares. Nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes, quando Pólux se apresenta para lutar contra Âmico, Castor e Tálao ajudam-no a se preparar para o combate (2.62-4); esse Tálao é pai de Adrasto, referido por Píndaro (*Nem.* 10.12), e avô de Eurialo, o pugilista vencido por Epeio nos jogos em honra de Pátroclo (*Il.* 23.677-99). Diante disso, o nome “Eurialo” vincula o par da *Eneida* ao Castor-Pólux via *Argonáuticas*. O segundo índice intensifica o diálogo com os *Cantos Cíprios*: o verso 226 (*ductores Teucrum primi, delecta iuuentus*), que anuncia o conselho dos chefes troianos, alude ao 1.86 do *De Rerum Natura* (*ductores Danaum delecti, prima uirorum*), que anuncia o conselho dos chefes gregos para o sacrifício de Ifigênia – um exemplo de crimes cometidos em nome da religião. O fato de tal evento pertencer ao enredo dos *Cantos Cíprios* substancia a presença dessa epopeia nesse passo da *Eneida*¹⁸.

Após todos esses delineamentos, cabe um arremate dos paralelos formados entre as personagens: as analogias seriam Niso-Pólux e Eurialo-Castor. Niso e Pólux são os que se sacrificam pelo companheiro,

circulava a hipótese de Homero ser o autor dessa epopeia. Seria, portanto, mais provável pensar que Teócrito se refira aqui aos *Cantos Cíprios*, julgando seu autor ser Homero – ou aos *Cantos Cíprios* e à *Iliada*, julgando serem ambos de Homero.

¹⁸ Essa alusão também forja um paralelo entre o episódio de Niso e Eurialo e o sacrifício de Ifigênia. Casali daí depreende a ideia de que “Nisus and Euryalus can be viewed as victims sacrificed on the altar of an ideology at the service of the leaders” (p.340). Esse fecundo paralelo não é aqui discutido por fugir ao escopo do trabalho; aborda-o outra pesquisa em curso sobre a relação entre o ciclo troiano e a *Eneida*.

os autores do ato redentor, motivados pela fidelidade. Euríalo e Castor são os que “perecem” e levam seus companheiros a partilhar a “morte” com eles; além disso, vinculam-se por intermédio do cavalo: Euríalo ganha um cavalo como prêmio na corrida (*Aen.* 5.286-361); Castor é constantemente denominado “domador de cavalos”. E esse arremate complementa-se com a concretização do seguinte sentido: as ações de Castor e Pólux são contestáveis (e o poema de Teócrito as recrimina com rigor), mas são redimidos e imortalizados pela virtude que os une e que se evidencia em Pólux na hora da perda; do mesmo modo a ação de Niso e Euríalo é contestável, mas são redimidos e glorificados graças à virtude que os une e que se evidencia em Niso na hora da perda.

Embora o diálogo entre esses pares esteja patente, alguém poderia contestá-lo alegando diferenças de laços: Niso e Euríalo são amigos; Castor e Pólux, irmãos. Contra essa objeção, retome-se de início o estudo de Pavlock a respeito da noção de *pietas*: ela defende a hipótese de o devotamento que une Niso e Euríalo elevar-se à dimensão de uma *pietas* familiar. George Duckworth¹⁹ também reconhece marcas de uma *pietas* familiar no amor de Niso por Euríalo: a disposição de Niso para salvar o amigo prefiguraria a de Lauso para salvar seu pai (10.796-9). Talvez nessa linha de raciocínio resida o sentido maior da expressão *amore pio* (5.296): recheado de *fides* e de *amor*, o sentimento de Niso pelo amigo erguer-se-ia ainda às raias de uma *pietas* familiar. Corroborar essa ideia o paralelo estabelecido na primeira parte do episódio entre Niso-Euríalo e Agamêmnon-Menelau – paralelo, aliás, não explorado nos estudos desta matéria. Logo, é possível entrever na relação de Niso e Euríalo elementos que sabem a laços frater-nos; e eles assim se aproximam ainda mais de Castor e Pólux²⁰.

Ao fim desta leitura, cabe apenas reiterar que um eloquente diálogo com textos que abordam Castor e Pólux descortina um substrato poético capaz de iluminar a fidelidade e o *modus mortis* de Niso e Euríalo. E a luz se lança de forma especial na direção do ato redentor, da virtude que mostra sua face inteira no momento da perda do irmão, do amigo e os

¹⁹ G.E. DUCKWORTH, *The Significance of Nisus and Euryalus for Aeneid IX-XII*, *AJPh* 88, 129-50, 1967, p. 148.

²⁰ O episódio faz duas evocações a Rômulo e Remo, mas aparentemente sem ligação com Castor e Pólux; com efeito, os contextos sugerem reflexões sobre guerras fraticidas no Lácio. A primeira eclode entre as vítimas de Niso, com *Ramneto* (324-9), termo que evoca “Rômulo” (cf. CASALI, p. 346 e n. 46-8) e *Remo* (330). A segunda caracteriza Euríalo como Remo: as palavras ditas por Volcente ao matar Euríalo (422-3) reverberam as de uma advertência feita por Rômulo provavelmente a Remo nos *Anais* (fr. 47 MORENO), de Ênio.

imortaliza pela graça de Zeus, pela graça da poesia – fato exaltado pela *Eneida* no verso *si fratrem Pollux alterna morte redemit* (6.121).

Com a manifesta presença de Castor e Pólux no cenário em que atuam Niso e Euríalo, amplia-se o horizonte de significação deste episódio, deste poema, e afloram novas perspectivas de investigação.

TITLE. *Castor and Pollux, models for Nisus and Euryalus in the Aeneid?*

ABSTRACT. The episode of Nisus and Euryalus shows a peculiar *amicitia* between two warriors, whose death causes a strong pathetic effect. Its main model would be the *Doloneia*; among the secondary, there are the *Rhesus* attributed to Euripides, the embassy to Achilles in the *Iliad*, the journey of Telemachus in the *Odyssey*, reports of the war against Hannibal in the *Annals* of Ennius, the Orestes and Pylades relationship in Euripides' *Iphigenia in Tauris*. Nevertheless, those models do not provide an appropriate analysis of the affection and the end that bind them. On that account, this study discusses a poetic substrate which is capable of enlightening the fidelity and the *modus mortis* of Nisus and Euryalus: the pair Castor-Pollux.

KEYWORDS. *Aeneid*; *amicitia*; fidelity; Nisus-Euryalus; Castor-Pollux.